



Mãozinhas na tela

Em dois anos, o tablet passou de objeto estranho a recurso cada vez mais frequente, mas preparar professores para a tecnologia e evitar a dispersão dos estudantes ainda são desafios

Com idade de 1 a 4 anos, os alunos do Portinho, nome dado à primeira parte do ensino infantil do Colégio Visconde de Porto Seguro, no Morumbi, ganharam um novo companheiro no ano passado: o tablet. Em meio a etapas como a libertação das fraldas e a pronúncia das primeiras frases, as crianças frequentam semanalmente o laboratório equipado com esse dispositivo e lousa eletrônica. Divididas em grupos, elas revezam a atenção entre as duas telas, nas quais deparam com desafios elementares, como identificar objetos narrados em um conto de fadas que acabaram de



RICARDO D'ANGELO

Turma do ensino infantil do Porto Seguro: lições com iPad para alunos de 1 a 4 anos

ouvir. Nas séries seguintes, atividades como a criação de filminhos de animação com massa de modelar, feitos a partir de um dos 250 aparelhos disponíveis na escola, começam a fazer parte da rotina.

São cenas que pareceriam pouco prováveis até pouco tempo atrás. Em 2011, os estabelecimentos de ensino que adotavam o tablet eram raríssimos na capital. Hoje, o recurso é bem mais comum. O Dante Alighieri, um dos pioneiros, assim como o Objetivo, possui 700 equipamentos para seus 4 300 estudantes, usados de forma mais frequente e individual no ensino médio e esporádi-

ca nos outros anos. O Pueri Domus distribuiu um aparelho para cada um dos cerca de 420 matriculados no ensino médio e netbooks do 6º ao 9º ano do fundamental, desde 2010. Nesses gadgets é possível, por exemplo, visualizar simulações da velha prática de dissecação de animais.

Entrar na era digital, porém, é algo muito mais complexo para os coordenadores pedagógicos do que a mera compra de computadores. Enquanto os alunos pequenos nasceram deslizando os dedinhos na tela, os professores precisam dominar com a mesma facilidade os aparatos que conheceram adul-

tos. O Rio Branco, além de oferecer cursos sobre as tecnologias aos seus mestres, entregou a eles cerca de noventa notebooks a fim de aproximá-los da rotina eletrônica dos jovens. A partir daí, eles passaram a comandar projetos, como uma peça de teatro e um vídeo bilingue sobre as guerras mundiais, criados em conjunto por adolescentes do 9º ano do fundamental e do 3º ano do médio, que trocavam informações pelas redes sociais.

Para Eduardo Galembeck, editor da Biblioteca Digital de Ciências da Unicamp, apesar da popularização do tablet, a maioria das escolas está muito



MARIO RODRIGUES

distante das inovações tecnológicas educacionais disponíveis. Ele cita como exemplo o espaço que comanda, onde há uma série de softwares voltados para a aprendizagem de ciências. “A maior procura, porém, é por produtos tradicionais, como vídeos prontos e slides, e não por conteúdo interativo”, relata.

A preocupação em preparar adequadamente os docentes faz com que escolas renomadas se modernizem com cautela. O Colégio Bandeirantes preferiu esperar mais um ano antes de mergulhar no uso do iPad — hoje, os alunos podem trazer o seu de casa, se quiserem fotografar a lousa e rabisar anotações, mas são proibidos de usá-lo para outros fins. “Estamos em trabalho intensivo de capacitação dos nossos profissionais. Precisamos que eles se apropriem realmente dos recursos do tablet para replanejar a aula”, comenta Sílvia Vampré Ferreira Marchetto, coordenadora de tecnologia educacional.

O temor (por parte dos pais, inclusive) de que os tablets dissipem a atenção é ou-

tro ponto ainda em discussão. “Essa é a nossa principal preocupação para implantar o sistema”, explica Francisco Solano Portela Neto, diretor educacional dos Colégios Presbiterianos Mackenzie.

No Anglo Vestibulares, que usa vídeos de ciências em 3D nas aulas e aplicativos de celular voltados para resoluções de exercícios em casa, o projeto de disponibilizar wi-fi para atividades com tablets, ainda em estudo, inclui entre as possibilidades o bloqueio de redes sociais, de modo a afastar a tentação de clicar em sites que não têm nada a ver com o conteúdo aprendido. No Porto Seguro, um teste foi realizado antes da decisão de liberar os aparelhos. Aplicou-se uma mesma prova em dois formatos, papel e digital. A conclusão é que a média de acertos e o tempo de resolução do exame foram equivalentes em ambas as plataformas. “O aluno que se dispersa em uma aula vai acabar desviando o foco com ou sem um dispositivo eletrônico à mão”, entende Renata Pastore, diretora de tecnologia educacional do colégio.

Sala do ensino fundamental do Objetivo, em 2011: um dos pioneiros no uso da tecnologia